

Rudolf Steiner

A Eterização do Sangue

A intervenção do Cristo esotérico na evolução terrestre

Tradução:
Rudolf Lanz

O autoconhecimento do homem foi uma exigência imposta à nossa alma no decorrer de todos os tempos em que houve uma busca de conhecimento, seja por caminhos místicos, realistas ou outros; todavia —como tivemos de frisar repetidamente em outras ocasiões —, esse autoconhecimento da alma humana não é, de maneira alguma, algo tão fácil como muitas pessoas, mesmo entre os antroposófos, ainda imaginam. Ora, as dificuldades do autoconhecimento humano constituem algo que o antropósofo deveria colocar repetidamente diante da alma, já que de outro lado é o mais necessário quando realmente queremos chegar a uma meta humanamente digna do mundo, a uma existência e a uma atuação realmente dignas do homem.

Ocupemo-nos hoje com a seguinte pergunta: por que o autoconhecimento deve ser difícil para o ser humano? O homem é um ser bastante complicado, e ao falarmos de sua vida interior, anímica, de maneira alguma pretendemos representá-la como algo simples ou elementar; queremos, ao contrário, ter a paciência e a perseverança para penetrar cada vez mais profundamente nessa estrutura maravilhosa, nessa admirável organização elaborada pelas potências cósmicas divino-espirituais e manifestada pelo ser humano. Podemos constatar dois aspectos na vida da alma humana antes de nos inteirarmos da essência do conhecer:

Tal como o ímã tem um pólo positivo e outro negativo, tal como lá fora a claridade e a escuridão se nos apresentam, na aparência do mundo, como matizes fundamentais da luz, poder-se-ia dizer que também a alma possui dois pólos anímicos de sua existência. Estes se nos podem evidenciar quando contemplamos o homem em duas situações da vida. Uma delas se daria ao vermos um homem parado na rua, totalmente absorvido pela observação de um belo e vistoso fenômeno natural; vemos como ele não move nenhuma das mãos nem das pernas, quase não desviando o olhar do fenômeno ou objeto que lhe prende a atenção e que ele observa; percebemos que está ocupado em formar imagens interiores daquilo que vê. Dizemos que está absorto na contemplação, representando mentalmente seu derredor. Seria essa a primeira situação que desejamos considerar. A outra seria a seguinte:

Um indivíduo qualquer anda pela rua e sente-se ofendido, ferido por outro. Sem muito refletir, sua irritação, sua ira o dominam, e como resultado de sua raiva ele faz o seguinte: dá um murro ou algo assim em quem o ofendeu. Percebemos aí uma manifestação das energias que nascem da irritação e da raiva. São impulsos da vontade, e podemos muito bem imaginar que não foram precedidas por muitos pensamentos e representações mentais; o indivíduo em questão talvez não se tivesse arremetido ao golpe caso houvesse refletido, impedindo dessa maneira a erupção de sua ira.

Enfocamos, assim, duas atitudes extremas; a primeira se evidencia totalmente como uma representação mental, com total paralisia da vontade consciente; na outra, a vida ideativa é interrompida, passando o homem a uma manifestação imediata de um impulso volitivo. Eis os dois aspectos que nos apresentam os dois pólos extremos da alma humana. O primeiro é o elemento impulsivo da vontade; o outro é a entrega involuntária à observação, à representação mental, o pensar enquanto a vontade silencia. Assim, consideramos os fatos de modo totalmente exotérico, pela mera observação da vida exterior.

Indo um pouco mais ao fundo, chegamos às esferas onde só nos podemos orientar recorrendo à pesquisa oculta. Confrontamo-nos então com outra polaridade: a polaridade entre vigília e sono. Sabemos o que ambos significam de um ponto de vista esotérico. De acordo com os conceitos fundamentais de nosso conhecimento antroposófico, os quatro membros — os corpos físico, etérico, astral e o eu — entrosam-se e interagem organicamente durante o estado de vigília; durante o sono, porém, o corpo físico e o

corpo etérico jazem no leito enquanto o corpo astral e o eu estão como que espalhados por todo o Universo imediatamente adjacente ao nosso plano físico. Poderíamos analisar esses fatos também por um outro prisma, perguntando o seguinte: como se processa, afinal, a observação do mundo da vida – a representação mental e o pensar, bem como a vontade e os impulsos volitivos – durante a vigília e durante o sono?

Ora, vejamos: aprofundando-nos nas coisas, descobrimos que em certo sentido o homem está sempre dormindo em sua atual existência física. A noite ele apenas dorme de maneira diferente do que o faz de dia. Já num âmbito meramente exterior os Amigos podem constatar isso, pois sabem que é possível a pessoa despertar esotericamente durante o dia, tornando-se clarividente e capaz de ver dentro do mundo espiritual. Quanto a essa contemplação o corpo físico comum está adormecido, e pode-se falar em despertar quando o homem aprende a fazer uso de seus sentidos espirituais. Com relação ao sono noturno, obviamente o homem dorme.

Pode-se, pois, dizer que o sono comum é um sono em relação ao mundo físico exterior, enquanto a consciência diurna é, atualmente, um sono em relação ao mundo espiritual.

Podemos encarar esse fato ainda de outra maneira. Uma observação mais profunda nos faz perceber que o homem tem, via de regra, pouco poder sobre sua vontade enquanto se encontra no estado de vigília comum, da vida física. A vontade é algo que em grande parte se subtrai à vida diurna. Observem atentamente o que costumamos chamar de vontade humana, e verão quão pouco o homem domina a si próprio, durante a vida diurna, no que se refere a seus impulsos volitivos. Considerem quão pouco, de seus atos entre a manhã e a noite, decorre realmente de um pensamento e de uma representação mental próprios, de uma decisão pessoal e individual. Quando alguém bate à porta e você diz “Entre!”, não se pode dizer que se trate realmente de uma decisão de seu próprio pensar e querer. Quando estamos com fome e sentamos à mesa, não se pode dizer que esta seja uma decisão de nossa vontade, pois foi provocada por nosso organismo, pelo estado em que nos achamos. Procurem olhar para sua vida cotidiana e verão quão pouco a vontade é diretamente influenciada pelo cerne humano. Qual a razão disso? O ocultismo no-la ensina, ao mostrar que o ser humano dorme durante o dia no que se refere à sua vontade, ou seja, ele não vive em seus impulsos volitivos. Podemos aprimorar nossos conceitos e representações e, até, tornar-nos pessoas de maior moralidade e de melhor gosto; mas nada podemos fazer em relação à nossa vontade. Aprimorando nossos pensamentos podemos atuar indiretamente sobre a vontade, mas nada podemos fazer-lhe diretamente, pois ela é influenciada por nossa vida diária apenas por um rodeio, pelo caminho indireto do nosso sono. Quando dormimos não pensamos, não temos representações mentais, pois o pensar e o imaginar passam a dormir.

A vontade, ao contrário, fica acordada e permeia nosso organismo de fora, vivificando-o. Por isso acordamos pela manhã sentindo-nos fortalecidos, pois o que penetra em nosso organismo tem um caráter volitivo. O fato de não percebermos essa atuação da vontade, nada sabendo dela, pode parecer-nos totalmente plausível quando lembramos que nossa atividade imaginativa dorme enquanto estamos dormindo. Queremos inicialmente, portanto, dar uma sugestão para uma reflexão, uma meditação mais ampla. Os Amigos verão, na medida em que progredirem em seu autoconhecimento, confirmar-se esta afirmativa: o homem dorme em relação à sua vontade enquanto está acordado, e dorme em relação à sua capacidade de formar representações mentais enquanto está adormecido. Durante o dia dorme a vontade; à noite dorme a vida das representações.

Se o homem não tem consciência do fato de sua vontade não dormir durante a noite, isso decorre de ele entender por vigília apenas a vida das representações. *A vontade não*

dorme durante a noite, e sim atua então como que num verdadeiro elemento ígneo, trabalhando em seu corpo a fim de produzir o que foi consumido durante o dia.

Existem, pois, no homem dois pólos — os impulsos volitivos e a vida das observações ou representações —, e em relação a esses dois pólos os homens têm um comportamento contrário. Mas esses são apenas dois pólos. Toda a vida anímica reside em diversas nuances entre ambos; e agora acerquemo-nos dela procurando relacionar a vida microcós mica da alma com o que reconhecemos como mundos superiores. Vimos, pelo recém-exposto, que um dos pólos de nossa vida anímica é a vida das representações mentais.

Essa vida das representações mentais parece ser algo irreal ao homem exterior, que pensa de modo materialista. Quantas vezes não ouvimos esta afirmação: “Ora, representações e pensamentos são apenas representações e pensamentos!” Com isso se quer indicar que quando seguramos na mão um pedaço de pão ou de carne isto é uma realidade, enquanto um pensamento não passa de um pensamento. Opina-se que, como não se pode comer pensamentos, estes não são reais, mas “apenas” pensamentos. E por quê? São apenas pensamentos porque o que o homem considera como sendo seus pensamentos comporta-se, frente aos *pensamentos* autênticos, como um espectro frente a um objeto em si. Se os Senhores têm uma flor e olham para sua sombra, essa sombra aponta para a flor, para a realidade. O mesmo acontece com os pensamentos. O pensar humano é apenas a imagem projetada de representações mentais e entidades que se encontram num mundo superior — naquele que se costuma chamar de plano astral. E os Amigos têm uma imagem correta do pensar quando imaginam aqui [desenha na lousa] a cabeça humana (não é um desenho fiel, mas apenas esquemático); os pensamentos estão dentro da cabeça, mas esses pensamentos que se encontram na cabeça representamos aqui, no plano astral, como seres vivos. Aí atuam os seres mais variados; fervilham representações e ações que projetam no homem sua sombra, e esses processos refletem-se na cabeça sob a forma do pensar. É uma idéia correta pensarmos que constantemente correntes vão da cabeça ao plano astral; essas são as sombras que a vida dos pensamentos produz na cabeça.

Ora, além do que podemos chamar de vida dos pensamentos existe, para a alma humana, ainda outra vida. Na vida comum, faz-se distinção (isso não é bem exato, mas falo dessa maneira a fim de obtermos para tanto um conceito extraído da vida comum) entre a vida dos pensamentos e a vida das sensações. Entre os sentimentos, distinguimos os relacionados com agrado — os simpáticos — e os relacionados com desagrad o — os antipáticos. Os primeiros se instalam em presença de atos justos e benevolentes; a antipatia se manifesta em situações de injustiça e de malevolência. Aí já se trata de algo mais que meras representações —é algo diferente. Fazemos representações mentais também na presença de coisas indiferentes; mas essas vivências anímicas da simpatia e da antipatia, só as temos diante do belo e do bom, ou do mau e do feio. Justamente tal como os pensamentos que se realizam no homem apontam para o plano astral, tudo o que implique simpatia ou antipatia aponta para o que chamamos de *devachan* inferior. E da mesma forma eu poderia prolongar as linhas que desenhei indo ao mundo astral estendendo-as agora até o *devachan* ou mundo celeste. Em nós, especialmente em nosso peito, ocorrem processos do mundo celeste ou *devachan* sob forma de sentimentos de simpatia e antipatia pelo belo e o feio, pelo bom e o ruim ou mau — de modo que trazemos em nossa alma, juntamente com o que podemos denominar nossas sensações diante do mundo estético-moral, as projeções do *devachan* inferior, do mundo celeste.

Existe ainda, na vida anímica humana, um terceiro elemento que devemos distinguir da mera preferência por atos benévolos. Há uma diferença entre assistir a uma ação

benévola e gostar dela, ou transformar a própria vontade em atividade, a fim de realizar por conta própria um ato benévolo. Eu gostaria de chamar o agrado produzido por atos bons e bonitos e o desagrado por atos ruins e feios de elemento *estético*, e aquilo que impele o homem a bem agir de elemento *moral*. O elemento moral é superior ao meramente estético, e o simples agrado ou desagrado está abaixo do impulso de praticar o bem ou o mal. À medida que nossa alma se sente compelida, à medida que sente os impulsos morais, esses impulsos são projeções do *devachan* superior, do mundo celeste superior.

Podemos, pois, imaginar que essas três atividades anímicas superpostas em níveis diferentes – a meramente intelectual do pensar, representar, contemplar; a estética, do agrado e desagrado; e a moral, nos impulsos diante do bem e do mal – são *imagens microcósmicas* do que decorre no *macrocosmo* nos três mundos – no astral, que se espelha como mundo dos pensamentos, do intelecto; no mundo devachânico, que se projeta como mundo estético do agrado e do desagrado; e no *devachan* superior, que se reflete como moralidade.

Ligando tudo isso com o que foi dito a respeito dos dois pólos da alma humana, devemos sentir a intelectualidade como um deles – o que domina preferencialmente a vida diurna, quando estamos acordados em relação à vida intelectual. Durante o dia o homem está acordado em relação ao seu intelecto; durante o sono está desperto quanto à sua vontade. Mas como então dorme em relação ao seu intelecto, não fica consciente do que empreende com a vontade. Indiretamente, porém, atua na vontade o que chamamos de *princípios e impulsos morais*. E de fato o homem necessita de sua vida de sono para que realmente possa chegar a uma efetiva atuação aquilo que ele assimila, em matéria de impulsos morais, mediante a vida dos pensamentos. É verdade: o homem, tal como é hoje na vida comum, só sabe realizar algo correto no plano intelectual, sendo muito menos capaz disso no plano moral; aí dependemos de uma ajuda do macrocosmo.

O que reside em nós pode levar-nos um palmo adiante na intelectualidade; trilhando o sendeiro do aprimoramento moral, necessitamos da ajuda dos deuses. Caímos no sono para poder mergulhar na *vontade divina*, onde estamos despojados de nosso intelecto impotente e onde forças divinas *transformam em força de vontade* os princípios de moralidade que assimilamos, inoculando em nossa vontade aquilo que de outro modo apenas podemos acolher em nossos pensamentos.

Entre esses dois pólos – o da vontade, que está acordado durante a noite, e o do intelecto, que está desperto durante o dia – situa-se a esfera estética, sempre presente no homem. Pois o homem não está completamente desperto durante o dia; só os indivíduos mais prosaicos, mais filisteus estão sempre despertos durante o estado de vigília. No fundo, os homens deveriam sonhar um pouco, mesmo durante o dia; deveriam ser capazes de sonhar também durante a vigília, de entregar-se à arte, à poesia ou qualquer outra atividade não apenas dirigida ao solidamente real. Os que se dedicam a essas coisas estabelecem um laço que pode retroagir sobre toda a existência como algo refrescante e vivificante. Entregar-se a tais pensamentos significa, de certa forma, introduzir na vida desperta algo como um sonho. E para a vida do sono os Senhores sabem que levamos o sonhar; aí são os sonhos reais que permeiam a consciência normal durante o sono. Isto é algo necessário a todos os que não querem apenas levar uma vida diurna prosaica, árida e malsã. E o sonhar ocorre de qualquer maneira à noite, não precisando de justificação. Eis o elemento intermediário entre os dois pólos: o sonhar noturno e o diurno, a capacidade de viver na fantasia.

Assim, também aqui temos um elemento tríplice em nossa alma: o elemento intelectual, mediante o qual ficamos tão bem despertos e trazemos dentro de nós as

sombras do plano astral quando durante o dia nos entregamos aos pensamentos, de modo a surgirem as idéias mais fecundas da vida cotidiana e as grandes invenções. E durante o sono, quando sonhamos — quando esses sonhos se desenrolam em nossa vida de sono — projetam-se em nós as imagens da região celeste inferior ou *devachan*. E quando somos ativos durante o sono, imprimindo moralidade em nossa vontade (não podemos observar isso diretamente, mas em seus efeitos), quando durante a noite somos capazes de instilar essa influência das potências divino-espirituais em nosso pensar, os impulsos que então observamos são as projeções do *devachan* superior, do mundo celeste superior; são os impulsos e sentimentos morais que vivem em nós e nos fazem sentir que a vida humana tem, no fundo, uma justificação apenas quando colocamos nossas idéias a serviço do bom e do belo, deixando nossa atuação intelectual imbuir-se da verdadeira, autêntica vida divino-espiritual, ou seja, dos impulsos morais.

O que, dessa forma, apresentamos como sendo a vida anímica humana mediante uma observação primeiramente exterior, exotérica, e em seguida por uma contemplação mais mística da vida, resulta da pesquisa oculta mais profunda. Então aquilo que já descrevemos mais *exteriormente* manifesta-se em processos que a clarividência pode perceber também no *homem*. Se o olhar clarividente observa o homem de hoje em estado de vigília, evidencia-se um fluxo constante de raios luminosos dirigindo-se do coração à cabeça. Se quiséssemos fazer disso um desenho esquemático [o qual é feito na lousa], deveríamos desenhar aqui a região do coração; correntes dirigem-se continuamente ao cérebro e, no interior da cabeça, fluem ao redor do órgão descrito na Anatomia como glândula pineal. São como raios de luz ascendendo do coração à cabeça e circundando a glândula pineal. Essas correntes têm sua origem no seguinte: o sangue humano — que é uma matéria física — dissolve-se constantemente em substância etérica, havendo pois, na região do coração, uma transformação constante do sangue em substância etérica sutil; esta flui então à cabeça e envolve a glândula pineal em meio a uma cintilação. Esse processo, a eterização do sangue, evidencia-se continuamente no homem em estado de vigília. Tivesse aqui as regiões do cérebro e do coração, o observador oculto perceberia um fluxo constante vindo de fora, e também de trás, em direção ao coração. Porém, essas correntes que no homem adormecido afluem de fora, do espaço cósmico, do macrocosmo para o interior do que jaz no leito como sendo os corpos físico e etérico, na verdade constituem algo muito curioso quando se passa a investigá-las. Esses raios são bastante diferentes nos diversos indivíduos. As pessoas adormecidas são bem diferentes entre si; e se os indivíduos ainda um pouco vaidosos soubessem o quanto de ruim denunciam ao olhar oculto quando adormecem em reuniões públicas, eles evitariam fazê-lo, pois isso atua traiçoeiramente.

O que de fato ocorre é o seguinte: as qualidades morais manifestam-se, em alto grau, na peculiar coloração do fluxo que penetra no homem durante o sono; desse modo, o homem possuidor de princípios morais inferiores tem uma corrente bem diferente do que alguém com princípios elevados. De nada adianta dissimular durante o dia. Não se pode fingir frente às potências cósmicas superiores. Tratando-se de alguém que tenha apenas um leve pendor por princípios não inteiramente morais, continuamente lhe afluem radiações rubro-pardas ou de uma coloração que tende para essa tonalidade. E radiações violáceas aparecem em pessoas que possuem ideais morais elevados. Ora, no momento do despertar ou do adormecer ocorre uma espécie de luta entre o que flui descendentemente e o que flui ascendentemente. No homem desperto, o elemento intelectual flui de baixo para cima sob forma de efeitos luminosos, enquanto o que tem caráter moral e estético flui de cima para baixo. E no momento do despertar e do adormecer ambas as correntes se encontram, tornando-se possível julgar se alguém é especialmente inteligente mas possui princípios inferiores — caso em que uma enérgica luta se desenrola nas proximidades da

glândula pineal —, ou se possui bons princípios enquanto sua intelectualidade lhe corre de encontro — nesse caso, evidencia-se um calmo espalhamento de um efeito luminoso cintilante ao redor da glândula pineal: no momento do despertar ou adormecer, esta se encontra como que mergulhada num pequeno mar de luz, e a nobreza moral se manifesta no fato de um calmo brilho circundar a glândula pineal nesse instante. Dessa maneira se reflete no homem sua qualidade moral. E esse calmo brilho estende-se freqüentemente até longe, até à região cardíaca. Assim se mostram no homem duas correntes — uma do macrocosmo e a outra, microcós mica.

Todo o alcance da maneira como as duas correntes se encontram só poderíamos avaliar refletindo, de um lado, sobre o que foi dito antes, mais exteriormente, a respeito da vida anímica manifesta em sua triplicidade — nos aspectos intelectual, estético e moral — e fluindo de cima para baixo, do cérebro rumo ao coração; de outro lado, porém, alcançamos todo o significado do que foi dito quando consideramos o correspondente fenômeno no macrocosmo. Esse fenômeno correspondente deve ser descrito hoje tal qual se nos apresenta como resultado das mais cuidadosas pesquisas ocultas dos últimos anos, empreendidas nas investigações espirituais de alguns rosacruzes verdadeiramente autênticos. Esse fenômeno macrocós mico deve ter uma descrição correspondente à do microcós mico. E então se evidencia aí (os Amigos compreenderão o assunto cada vez mais) que no macrocosmo se desenrola algo semelhante ao que foi dito a respeito do microcosmo. Assim como na região do coração ocorre uma constante transformação do sangue em substância etérica, um fato semelhante ocorre no macrocosmo. Podemos compreendê-lo ao dirigir nosso olhar ao Mistério do Gólgota, àquele momento em que o sangue do Cristo fluiu das chagas. Esse sangue não deve ser considerado apenas como uma substância química; por tudo o que foi descrito como sendo a natureza de Jesus de Nazaré, é algo *muito especial*. E à medida que se derramou e fluiu para a Terra, foi dada a esta uma substância que, ao ligar-se a ela, constituiu um acontecimento de suma importância para todas as épocas terrestres seguintes, e que também pôde ocorrer apenas uma vez. Que aconteceu com esse sangue nos tempos seguintes? Nada diverso do que normalmente ocorre no coração do homem. Esse sangue percorreu, no decorrer da evolução terrestre, um processo de eterização. E assim como nosso sangue flui do coração para cima sob forma de éter, o sangue eterizado do Cristo Jesus vive no éter da Terra desde o Mistério do Gólgota. O corpo etérico da Terra é permeado por aquilo que resultou da transformação do sangue que fluiu no Gólgota; e isso é importante. Se não houvesse ocorrido o que ocorreu por meio do Cristo Jesus, só sucederia ao homem sobre a Terra o que foi descrito anteriormente. No entanto, desde o Mistério do Gólgota existe uma possibilidade permanente de o efeito do sangue etérico do Cristo confluir com essas correntes dirigidas de baixo para cima.

Devido à presença do sangue etérico de Jesus de Nazaré no corpo etérico da Terra, esse mesmo sangue flui na corrente do sangue humano eterizado que ascende do coração ao cérebro; no homem não ocorre, portanto, apenas o encontro previamente descrito: encontram-se a corrente sangüínea humana propriamente dita e a corrente sangüínea do Cristo Jesus. Mas uma ligação dessas duas correntes só vem a ocorrer quando o homem tem um entendimento correto daquilo que está implícito no impulso do Cristo. Caso contrário, a fusão das duas correntes não pode realizar-se: elas se repelem mutuamente e depois ricocheteiam, da mesma maneira como antes se chocaram. Só podemos adquirir compreensão quando, em cada época da evolução terrestre, obtemo-la do modo adequado a essa época. Na época em que o Cristo Jesus vivia na Terra, a compreensão apropriada do acontecimento iminente podia ocorrer àqueles que foram ter com seu precursor, João, e se fizeram batizar segundo a fórmula expressa no Evangelho. Eles receberam o batismo

para transformar o pecado, isto é, o carma findo de suas vidas anteriores, e para reconhecer que o impulso mais importante da evolução terrestre estava prestes a descer para um corpo físico. Mas a evolução da Humanidade progride, e para nossa época é importante o homem aprender a compreender que deve aceitar o conhecimento da Ciência Espiritual, iluminando paulatinamente o que flui do coração ao cérebro para que este compreenda a Antroposofia. A consequência será a capacidade de aceitar o que está começando a intervir a partir do século XX: em lugar do Cristo físico da Palestina, o Cristo etérico. Ora, chegamos ao momento em que o Cristo etérico intervém na vida terrestre e inicialmente se torna visível a um pequeno número de pessoas, como que por uma clarividência inata. E depois, nos próximos três mil anos, será visível a um número cada vez maior de pessoas. Isso deverá acontecer – será um acontecimento natural. Sua vinda será tão certa como as conquistas da eletricidade no século XIX. É simplesmente um fato real que um certo número de pessoas, passando pelo evento de Damasco, verá o Cristo etérico. Mas será mister os homens aprenderem a observar o momento em que o Cristo se aproximar deles. Poucas décadas, apenas, vão passar e haverá, principalmente para jovens, a seguinte experiência – que já se está preparando:

Uma pessoa qualquer chega a determinado lugar e vivencia este ou aquele fato; se houvesse aguçado o olhar pelo estudo da Antroposofia, já poderia perceber que repentinamente alguém está em seu redor, vem ajudá-la ou chamar sua atenção para um fato qualquer – que o Cristo vem ao seu encontro... mas ela acredita tratar-se de um ser humano físico qualquer. Um bom número de indivíduos terá a vivência seguinte: sentados em seu quarto, com o coração apertado, pesado de mágoa, sem saber como sair de sua situação, verão a porta se abrir..., e o Cristo etérico aparecer para dizer-lhes palavras de consolo. O Cristo será para os homens um consolador vivo! Pode parecer grotesco em nossos dias, mas será verdade: às vezes, quando pessoas estiverem reunidas em busca de uma saída para uma situação problemática, e mesmo quando um número maior delas se congregar numa atitude de expectativa, elas verão o Cristo etérico! Ele estará presente, tomando parte nas deliberações e usando da palavra em reuniões. Estamos realmente indo ao encontro desses tempos. Esse é o aspecto positivo, o elemento construtivo que intervirá na evolução da Humanidade.

Nada se deve dizer contra os grandes progressos da civilização atual – eles são necessários para o bem e para a libertação dos homens. Mas se considerarmos todos os progressos exteriores no domínio das forças da Natureza, eles serão algo pequeno e insignificante em comparação com o que o homem receberá quando vivenciar em sua alma o despertar por meio do Cristo, que agora intervirá na cultura da Humanidade e em seus assuntos. O que se manifestará aos homens serão forças positivas e congregadoras. O Cristo leva forças construtivas à cultura humana.

Se observássemos os primeiros tempos pós-atlânticos, veríamos que os homens construíam suas moradias de uma maneira diferente da atual. Eles usavam toda espécie de materiais vegetais e limitavam-se a completá-los. Até palácios foram construídos dessa maneira, completando-se a obra da Natureza ao se entrelaçarem galhos e plantas, etc. Hoje, os homens têm de usar destroços para construir. Produzimos toda a cultura do mundo exterior com materiais que resultam da destruição. E no decorrer dos próximos anos, os Amigos compreenderão ainda melhor que muita coisa mais, em nossa civilização, resulta de processos destrutivos.

A luz se destrói dentro de nosso processo terrestre pós-atlântico! Até a Atlântida, o processo evolutivo da Terra era progressivo; desde então, entrou em decadência. O que é a luz? Ela se desagrega, e a luz em desagregação é a eletricidade. O que conhecemos como eletricidade é a luz que se autodestrói dentro da matéria. E a energia química, que

no decorrer da evolução terrestre sofre uma alteração, é o magnetismo. E uma terceira energia ainda surgirá. E se ao homem de hoje a eletricidade já parece uma força milagrosa, aquela terceira energia influenciará nossa cultura de uma maneira ainda mais prodigiosa. Quanto mais empregarmos essa energia, mais rapidamente a Terra se transformará num cadáver, a fim de que o elemento espiritual da Terra possa metamorfosear-se em Júpiter. ¹As energias precisam ser aplicadas na destruição da Terra, a fim de que o homem dela se liberte e o corpo terrestre possa decair. Enquanto a Terra progredia isso não foi feito, pois só a Terra decadente pode aproveitar a grande conquista cultural que é a eletricidade. Por mais que isso soe estranho, precisa ser dito, pouco a pouco. Temos de compreender o decurso do progresso evolutivo, pois com isso os homens aprenderão a avaliar nossa cultura corretamente. Aprenderemos que é necessário destruir a Terra, do contrário o espírito não ficará livre. Mas também se aprenderá a ter em apreço o aspecto positivo: a penetração das forças espirituais em nossa existência terrestre!

Sendo assim, já vemos o enorme progresso no fato de o Cristo ter necessariamente vivido durante os três anos num corpo humano bem preparado, a fim de tornar-se visível aos olhos físicos. Pelo que então aconteceu durante aqueles três anos, os homens tornaram-se maduros para ver o Cristo que estará presente num corpo etérico e intervirá na vida terrestre tão concretamente como fez o Cristo físico na época da realidade palestina. Se não observarem tais fatos com sentidos obnubilados, os homens saberão tratar-se do corpo etérico que caminhará pelo mundo físico, mas saberão também que esse é o único corpo etérico capaz de atuar neste mundo como normalmente só um corpo humano físico pode fazer. Ele se distinguirá de um corpo físico apenas pela capacidade de estar ao mesmo tempo presente em dois, três, cem, mil lugares, o que só é possível a uma figura etérica, mas não a uma física. Esse progresso da Humanidade fará com que os dois pólos mencionados – o intelectual e o moral – se tornem cada vez mais unos, fundindo-se numa unidade. Isso ocorrerá porque os homens aprenderão cada vez mais, no decorrer dos próximos milênios, a observar o Cristo etérico no mundo; eles serão permeados, também durante o dia, pela atuação direta do Bem situado nos mundos espirituais. Enquanto atualmente a vontade está dormindo durante o dia, de modo que o homem só pode atuar indiretamente através da representação mental, no correr dos próximos milênios sucederá cada vez mais o fato de essa atuação ser diretamente aprimorada também no estado de vigília, pela influência exercida pelo Cristo a partir de nosso tempo.

Aquilo que foi sonhado por Sócrates – que a virtude pode ser ensinada – ocorrerá realmente. Haverá na Terra, em escala cada vez mais ampla, a possibilidade de, por meio de ensinamentos, não apenas incentivar e estimular o intelecto, mas também difundir impulsos morais. Schopenhauer disse o seguinte: é fácil pregar a moral; fundamentá-la é muito difícil. Por quê? Porque com a pregação ainda não se terá difundido moral alguma. É perfeitamente possível tomar conhecimento de princípios de moralidade e não ater-se a eles. Para a maioria das pessoas vale a sentença de Paulo: “O espírito está pronto, mas a carne é fraca”.² Isso se modificará quando o fogo moral efluir dessa figura do Cristo. Mas cada vez mais ocorrerá, na Terra, o fato de o homem compreender a necessidade do aspecto moral e seus impulsos. Dessa maneira ele transformará a Terra à medida que sentir cada vez mais que o elemento moral pertence à Terra. E no futuro só poderão ser imorais as pessoas que receberem ajuda no âmbito da imoralidade, sendo possuídas por demônios maléficos, potências arimônicas e asúricas e aspirando a tal possessão. O estado futuro da Terra consistirá na existência de um suficiente número de pessoas que cada vez mais ensinarão e, ao mesmo tempo, fundamentarão a moral; mas também no fato de aqueles

1 É evidente que Steiner se referia à energia atômica, só descoberta mais tarde. (N.T.)

2 Essa frase não consta em Paulo, mas figura no Evangelho de Mateus, 26,41. (N.T.)

que assim o desejarem por sua livre vontade virem a entregar-se às potências malévolas e formar uma maioria do Mal, em oposição aos indivíduos bons. Ninguém será obrigado a isso – tal situação resultará da livre vontade de cada um.

Advirá então à Terra a época em que surgirá o que, como tantas outras coisas, consta apenas das grandiosas definições do ocultismo e do misticismo orientais: a elevação, em alto grau, da atmosfera moral da Terra. A mística oriental fala dessa era há muitos milênios. E desde o aparecimento do Buda fala de modo especialmente enfático daquele estado futuro em que a Terra estará imersa numa atmosfera etérica moral. Desde a época dos antigos *Rishis* erguia-se ante o misticismo oriental, qual uma grande esperança do futuro, o seguinte: “Há de chegar à Terra esse impulso, que será parte essencial de *Vishva-Karman*” – ou, como diria Zarathustra, de *Ahura-Mazdao*. Assim, aquele misticismo já tinha em vista que do ser que chamamos Cristo iria emanar esse impulso moral, essa atmosfera moral da Terra; e que nele, no Cristo, essa mística oriental colocava sua esperança.

Os meios do misticismo oriental não eram suficientes para imaginar isso; mas o que viria como séquito desse evento, isso eles podiam imaginar. Podiam imaginar que as puras figuras akáshicas³, mergulhadas no fogo e na luz do Sol, adviriam, dentro de cinco mil anos depois da iluminação do grande Buda, como séquito daquele que não pode ser reconhecido somente pelo misticismo oriental. Era realmente uma idéia maravilhosa: “Advirá algo que possibilitará, mediante uma atmosfera moral purificada, que o Filho – de Luz e de Fogo – da Terra ande pela atmosfera moral terrestre não como figura fisicamente encarnada, mas como figura akáshica pura. Mas então, cinco mil anos depois da iluminação do Buda Gotama, estará também presente o Mestre que ensinará aos homens como são maravilhosas essas figuras de Fogo e de Luz. Esse Mestre será o Buda Maitreya, que se manifestará três mil anos depois de nossa era e poderá ensinar aos homens o impulso do Cristo.” Dessa maneira a mística oriental se funde com a sabedoria cristã numa bela e admirável unidade. E também fica claro que aquele que três mil anos depois de nossa era se manifestará como Buda Maitreya aparece sempre de novo encarnado na Terra como Bodisatvsa, como sucessor do Buda Gotama. Uma de suas incorporações foi a de Jeshu ben Pandira, que viveu cem anos antes do início de nossa era. Aquele que estava encarnado em Jeshu ben Pandira é o mesmo que futuramente será o Buda Maitreya e que de século em século volta a aparecer num corpo carnal, ainda não propriamente como Buda, mas como Bodisatva. Também em nossa época, os ensinamentos mais significativos acerca da entidade do Cristo e dos Filhos do Fogo dos hindus partem daquele que será futuramente – não agora, mas futuramente – o Buda Maitreya. Será pela combinação da autêntica mística oriental com o conhecimento cristão que se poderá reconhecer aquele que será o futuro Buda Maitreya. Aquele que será o Buda Maitreya e que aparecerá – em contraste com os Filhos do Fogo – como Bodisatva num corpo físico poderá ser reconhecido pelo fato de inicialmente crescer, em sua juventude, sem que ninguém possa pressupor a individualidade que nele reside. Os entendidos só reconhecerão em tal indivíduo aos 30 a 33 anos de idade que um Bodisatva se encontra nele. Nesse momento ocorre algo como uma mudança da personalidade. E o próprio Buda Maitreya se dará a conhecer à Humanidade no trigésimo terceiro ano de sua vida. Assim como o Cristo Jesus iniciou sua obra aos trinta anos, os Bodisatvas, que continuarão a anunciar o Cristo, se revelarão no trigésimo terceiro ano de sua vida. E o próprio Buda Maitreya, que revelará os grandes mistérios da vida em grandes e imponentes palavras de que hoje não se pode fazer idéia, esse Buda, como Bodisatva transformado, falará uma língua que ainda precisa ser criada, pois ninguém poderia encontrar hoje as palavras com as quais ele se dirigirá futuramente

³ Steiner usou, às vezes, o termo “akáshico” como sinônimo de “etérico”. (N.T.)

aos homens. Ainda não se pode falar dessa maneira aos homens porque ainda não existe o instrumento físico para fazê-lo. Os ensinamentos do iluminado não farão fluir apenas doutrinas, mas impulsos morais às almas. Tais palavras ainda não podem ser pronunciadas por uma laringe física; agora só podem existir nos mundos espirituais.

A Antroposofia é o preparo para tudo que virá no futuro. Os que levam a sério a evolução da Humanidade não querem que a evolução anímica degenera, mas progrida de maneira a fazer com que a Terra se liberte no que tem de espiritual, abandonando sua parte mais grosseira qual um cadáver. Pois toda a obra poderia ser estragada pelos homens. Os que querem que a obra cósmica seja realizada devem adquirir a compreensão da vida espiritual pelo que chamamos hoje de Antroposofia. Assim, Antroposofia torna-se dever; o conhecimento torna-se algo diante do qual sentimos termos responsabilidade. E se aprendermos a sentir e a querer assim, se a partir dos mistérios do mundo sentirmos que queremos ser antropósofos, então estaremos tendo sensações corretas. Mas então a Antroposofia não será algo que satisfará nossa curiosidade; ela deverá tornar-se algo sem o qual não poderemos viver. Só quando isto ocorrer é que viveremos como tijolos vivos daquele grande edifício que deverá ser erguido nas almas humanas, podendo abranger os homens.

Assim, a Antroposofia é a abertura diante dos fenômenos genuinamente cósmicos tal como se apresentarão ao homem do futuro, às nossas próprias almas, estejamos encarnados num corpo físico ou já atravessando a existência entre a morte e um novo nascimento. Essa transformação nos afetará, seja na vida corpórea, seja depois que abandonarmos o corpo físico. Só que os homens já deveriam adquirir aqui na Terra, num corpo material, a compreensão desses acontecimentos – se é que devem ser tocados, entre a morte e um novo nascimento, pelo que lá ocorre. Para os que já num corpo físico adquirem compreensão pelo Cristo, tanto fará se no momento de vê-lo estiverem em vida ou tiverem atravessado o portal da morte. Aqueles, porém, que agora se negam a compreender o Cristo deverão – no caso de já terem passado pelo portal da morte na ocasião desse evento – esperar até a próxima encarnação, pois o fundamento não pode ser adquirido entre a morte e o nascimento. Uma vez adquirido, continuará existindo; então o Cristo será visível entre a morte e um novo nascimento. Dessa maneira, a Antroposofia não será algo que aprendemos para a vida física, mas algo que conservará seu valor mesmo quando na morte houvermos deixado o corpo físico.

É com isso que eu queria contribuir hoje para a compreensão do ser humano, e como meio para responder a muitas perguntas. O autoconhecimento é difícil pelo fato de o homem ser um ente tão complicado. E ele o é por ser vinculado a todos os mundos e seres superiores. O que existe dentro de nós são imagens projetadas do macrocosmo; e nossa organização, nossos corpos físico, etérico e astral, bem como nosso eu – enfim, nossos membros essenciais – constituem mundos dos seres divinos. O que existe em nós como sendo os corpos físico, etérico e astral e o eu constitui um mundo; o outro mundo é o superior, celeste. Para os seres divino-espirituais dos planos superiores, os membros corpóreos são mundos divino-espirituais elevados, tal como para nós são os quatro membros de nossa entidade humana. O homem é um ser tão complicado por ser um real reflexo do mundo espiritual. É isso o que deve proporcionar-lhe consciência da dignidade humana. Mas a partir desse conhecimento – o de que somos realmente uma imagem, estando ainda bem longe do que deveríamos ser – e seguindo essa trilha, adquiriremos, além da dignidade, também a correta humildade e a modéstia perante o macrocosmo e seus deuses.

Perguntas e respostas decorrentes da conferência

Pergunta: O que significa a expressão do apóstolo Paulo “falar com a língua”?

Resposta: Em casos excepcionais, pode ocorrer que não apenas o fenômeno da fala esteja presente no estado de vigília: nesse falar se manifesta algo que normalmente só existe na consciência de sono. É esse o fenômeno a que se refere Paulo. Göethe fala a seu respeito do mesmo ponto de vista, tendo escrito dois ensaios muito bonitos sobre esse fenômeno.

Pergunta: Como se compreenderão as palavras de consolo do Cristo?

Resposta: As pessoas sentirão essas palavras de consolo como se através de seu próprio coração. Elas se farão ouvir como na audição física.

Pergunta: O que são energias e substâncias químicas em relação ao mundo espiritual?

Resposta: Existe no mundo uma quantidade de substâncias que são associáveis e dissociáveis. O que chamamos de quimismo [ou combinação química] é projetado para dentro do mundo físico a partir do mundo do *devachan*, da harmonia das esferas. De modo que na combinação de duas substâncias segundo seus pesos atômicos temos o sombreado de dois tons da harmonia das esferas. A analogia química de duas substâncias no mundo físico é uma projeção sombreada do mundo da harmonia das esferas. As relações numéricas da Química são realmente as expressões para as relações numéricas da harmonia das esferas. Esta última se emudeceu pela condensação da matéria. Caso pudéssemos atenuar a matéria até à consistência etérica e perceber os números atômicos como princípio formativo intrínseco, ouviríamos a harmonia das esferas. Temos o mundo físico, o mundo astral, o *devachan* inferior e o *devachan* superior. Quando se pressiona um corpo para abaixo do mundo físico, chega-se então ao mundo infra-físico, ao mundo infra-astral, ao infra-*devachan* inferior ou malévolos e ao infra-*devachan* superior ou malévolos. O mundo astral malévolos é o âmbito de Lúcifer, o *devachan* inferior malévolos é o âmbito de Árimã e o *devachan* superior malévolos é o âmbito dos Asuras. Quando se lança o quimismo para abaixo do plano físico, para o mundo astral malévolos, surge o magnetismo; quando se lança a luz para o âmbito infra-material – portanto, um grau abaixo do mundo material –, surge a eletricidade. Quando lançamos o que vive na harmonia das esferas para um plano ainda mais baixo, até os Asuras, surge então uma energia ainda mais terrível, que não ficará oculta por muito tempo ainda. Só se deve desejar que quando vier essa força – que devemos imaginar como muito, muito mais potente do que as mais potentes descargas elétricas, e que em todo caso virá... –, que antes de ela ser dada à Humanidade por um descobridor os homens nada mais tenham em si de imoral!

Pergunta: O que é eletricidade?

Resposta: Eletricidade é luz em estado imaterial. Nela a luz se encontra comprimida ao extremo. À luz também se deve atribuir interioridade: ela própria está em cada ponto. O calor pode expandir-se em três direções do espaço; no caso da luz, devemos falar de uma quarta direção: ela é quadridirecionada, sendo a quarta direção a interioridade.

Pergunta: O que ocorre com o cadáver da Terra?

Resposta: Como resíduo da evolução lunar temos a Lua, que gira em torno da Terra. Também da Terra haverá um resíduo, que girará em torno de Júpiter. Depois os

resíduos se dissolverão paulatinamente no éter cósmico geral. Em Vênus não haverá mais resíduo. Ela surgirá inicialmente como puro calor, depois se tornará luz e penetrará posteriormente no mundo espiritual. O resíduo da Terra se tornará cadáver. Este, porém, é um caminho que não deverá ser acompanhado pelo homem, pois ele seria exposto a terríveis sofrimentos. Mas com esse cadáver seguirão seres que desse modo alcançarão um desenvolvimento superior.